



ÚLTIMA HORA - RJ
22/MAR/1973

Edu Lobo



NA MISSA, A MÚSICA INTEGRAL

De
Eurico
Nogueira
França

AMISSA de Edu Lobo, que acaba de ser gravada em disco **Odeon** — na outra face há algumas de suas admiráveis canções — é das mais fascinantes transposições da nossa música popular ao âmbito da música sacra, dentro da linha universalmente seguida de tornar o culto religioso intimamente acessível e atraente ao povo. Edu não lhe dá o título de **Missa**, e reúne as cinco peças — **Kyrie**, **Gloria**, **Incelensa**, **Oremus**, **Libera Nos** — em uma seqüência que, com exceção de **Incelensa**, decididamente profana, tem a unidade do sentimento místico. **Missa** gostosa de ouvir, na sua pureza de brasilidade, que as palavras latinas no **Kyrie** e no **Gloria**, afetivamente próximas de nós, só acentuam, na sua riqueza de percussão, na linha melódica, no conjunto vocal, em detalhes essenciais da orquestração, a alta musicalidade criadora do autor.

É difícil, senão impossível, estabelecer transições entre certa música popular e a de concerto, quando ouvimos canções como a **Azulão** de Jaime Ovalte, ou a **Modinha** de Villa-Lobos (ambas sobre versos de Manuel Bandeira), a mais irresistível das suas **Serestas**. Também as partes do que chamamos **Missa** de Edu Lobo abolem essas fronteiras, que só existem porque a complexa elaboração técnica e formal das composições que se destinam à sala de concerto não as tornam facilmente receptíveis pelo povo não iniciado. Mas as maiores obras-primas podem popularizar-se e há temas sublimes da grande música que se folclorizam.

Formação

Edu é filho do compositor e crítico Fernando Lobo, que não teve participação direta na sua decisão de consagrar-se à música (salvo a influência hereditária). "Estava na Faculdade de Direito — diz Edu — tocava violão de ouvido, fiz cinco ou seis anos de acordeão e aprendi a ler música, mas como passel a detestar o acordeão, abandonei-o e esqueci até a leitura musical. Aos dezenove anos, por intermédio de Vinícius, aproximei-me de Tom e Baden e, de violão em punho, participei da bossa-nova. Não pertenceo pro-

vemente a esse movimento, pois só fui alcançado nos seus três ou quatro últimos anos, e sou mais uma cria dos seus componentes. Os que principalmente me marcaram são Tom, Baden e Carlos Lira.

— Era então totalmente leigo em música mas, depois de poucos anos, voltei a estudar, por necessidade íntima. A orquestração interessou-me muito. Li o que pude a respeito, até que fui para Los Angeles, trabalhar com o Professor Albert Harris.

Alguns traços que marcam a personalidade de Edu Lobo — que nasceu no Rio e está com vinte e nove anos — são a modéstia, desprezotismo, autenticidade. Na simplicidade do nosso papo, não tem o menor vedetismo de compositor famoso.

Antes, acentua que a sua formação, no sentido técnico, tem sido gradativa e que ele não tenciona escrever música erudita. Não vê, aliás, nenhuma barreira entre a música popular e a que se destina à sala de concerto e acentua que há duas qualidades de música: a boa e a má. Conta-me que um crítico, há pouco, disse dele: "É um compositor popular que quer transformar-se em erudito". Mas não tem a pretensão de pular o muro. De passar para outro nível.

Por outro lado, seu contato com a música popular nunca foi sistemático. Não fez estudos sérios de folclore, mas recolheu uma série preciosa de informações.

— Gosto de toda a música. Estou começando uma técnica. A partir da **Missa**, o meu trabalho é integral, como sempre tive vontade de fazer. Porque por melhor que seja o arranador, é melhor que o compositor faça tudo.

— Orquestração, como qualquer outro aspecto da música, só se domina praticando. Comecei a fazer os arranjos na base do ouvido, do instinto, e, aos poucos, a minha consciência profissional despertou. Mas eram arranjos esporádicos. Fui aos Estados Unidos porque queria sair do Brasil, na época, e um contrato norte-americano qua-

re concretizou-me a esperança. Mas em Los Angeles preferi estudar e absorver toda a música que pude.

Mário Tavares

— Todos os meus arranjos feitos no Brasil foram regidos pelo Maestro Mário Tavares, diretor da Orquestra do Teatro Municipal. Compositor, além de notável regente, Mário Tavares guiou-me em tudo que fiz. Aprendi demais, estudando com ele. Foi muito bacana. Não teve a atitude de quem sabe mais e menospreza o outro, mas me ajudou o tempo todo.

Sobre o Maestro Tavares, que é tão famoso pela competência como pelo retraimento, lembramos juntos, Edu Lobo e eu, o episódio do Festival Béla Bartók, programado, há poucos anos, com a Orquestra do Municipal. O pianista era GyorGy Sandor, que tocou os três Concertos para piano e orquestra, e devia fazê-lo sob a regência de um maestro húngaro, que se presumia especialista na música do seu compatriota. Mas em um dos Concertos, o maestro não conseguiu, dadas as dificuldades rítmicas, que a Orquestra, no ensaio, caminhasse, apesar de todo o apoio que lhe dava o pianista, também húngaro, GyorGy Sandor. Houve o impasse e se fez uma reunião de emergência, no camarim. O maestro desistiu de realizar o concerto, sob a

alegação de que a orquestra não podia executá-lo e então apelou-se para o diretor do conjunto, Mário Tavares, que sem conhecer a partitura, dispôs-se a fazer uma experiência. Logo no primeiro ensaio, a obra caminhou. A audição foi um sucesso.

Strawinsky

Em Los Angeles, Edu Lobo entrou em contato com toda a música que lhe foi possível assimilar e teve, principalmente, a revelação de Strawinsky.

— Strawinsky é o músico mais completo que já ouvi. Qualquer músico que ouça **A Sagração da Primavera** e a análise, realmente, lucra mais do que com cinquenta anos de estudos com qualquer professor. É o músico que mais me fascinou até hoje.

— Strawinsky está para nós como Bach, Mozart ou Beethoven estiveram em relação à sucessivas fases dos Séculos XVIII e XIX. Morto há cerca de dois anos, sua relação de contemporaneidade conosco se prolonga na eternidade da obra. Strawinsky começa por despojar a música dos valores expressivos extramusicais, das falsas associações literárias, impressionistas ou sentimentais, e a reconduz à pureza idiomática. A riqueza dos valores rítmicos é o coração da música de Strawinsky. Não admira que haja deslumbrado um músico da musicalidade intrínseca de Edu Lobo.

CAYMMI FOI O ARRASTÃO

Edu Lobo compôs o Arrastão quando tinha vinte anos e, no Primeiro Festival da Música Brasileira da TV Excelsior, tirou o primeiro lugar.

— Arrastão foi feita porque eu estava tocando música de Caymmi e, de repente, surgiu o tema. O sentido da música e seu ritmo, induziram ao título, que foi sugerido por Vinicius. Dizia Bernstein que toda a carga emocional que recebe fica no subconsciente, o que lhe permite compor nos aviões, hotéis, em todos os momentos livres, porque as notas se vão organizando, até que assumem uma forma. Por isso, não existe a inspiração, no sentido mediúnico, e sim, um trabalho constante, que conduz à elaboração espiritual da música.

A admiração de Edu por Tom se manifesta: "Em Tom, a parte harmônica não está ao alcance de todos os ouvintes. As pessoas ouvem a melodia, o ritmo e permanecem, por assim dizer, na superfície da música. Olha Maria é uma canção, com letra de Chico Buarque e uma parte harmônica que é dos achados mais bonitos, mais inteligentes que já ouvi. Usa o tema três vezes, cada vez, com uma harmonia totalmente diversa.

— Fronteiras musicais não existem: a música é uma só. Mas é natural que um músico brasileiro crie música brasileira. Não acho que exista uma música universal, que funcione no mundo inteiro e faça todos comporem daquela maneira. O importante é ouvir todo tipo de música e re-

ceber todas as influências, de Strawinsky à música pop. Repito: só há dois tipos de música: a boa e a ruim.

— A carga total de música que se recebe é da maior importância, desde a de pífano à indiana, porque pode constituir um dado novo, suscetível de ser usado. O compositor não deve ter o menor escrúpulo de usar o que gosta, mesmo porque não é possível uma música totalmente pessoal, desligada de qualquer realidade, de qualquer influência. Esse tipo de som não existe. Eu me considero um compositor superinfluenciado pelas coisas que ouço. E não sinto a necessidade de organização em relação ao que ouço. Ouço de tudo. E acho que qualquer tipo de emoção merece ser aproveitada. O mundo do músico não é só a música; e sim, qualquer tipo de arte, e a vida, na sua totalidade.

— No problema da comunicação, tenho a frustração de não ser letrista. Sinto fascinação pela palavra. Mas não sou letrista, porque me falta talento poético. Apenas, gosto demais. Com a palavra, nos aproximamos mais das pessoas e é mais fácil tornar inteligível o que queremos exprimir.

Edu é casado, com dois filhos, e tem de ir todos os anos aos Estados Unidos, porque possui cartão de emigrante. Se não for, ao menos de passagem, perde o direito ao cartão. Sua encantadora Missa, rica de achados deliciosos, está prevista para ser executada este ano, na Sala Cecília Meireles.